Povos Indígenas no Brasil

Fonte O ESTADO DE S. PAULO Class.: 1041

Data 26/03/06 Pg.: _____

Funai manda os índios de volta para aldeias

BRASÍLIA.
AGÊNCIA ESTADO

O panorama do Núcleo Bandeirante, cidade próxima ao Plano Piloto, estará bastante diferente a partir de hoje, quando a Fundação Nacional do Índio (Funai) embarca para suas aldeias os últimos 23 dos 161 índios que estavam em Brasília. Os únicos que permanecerão são os 18 estudantes e os 20 doentes. Nos últimos anos, uma média constante de 300 índios vêm-se hospedando em precários hotéis onde esperam tratamento de saúde, dinheiro para suas aldeias, ou simplesmente fazem turismo na capital do País às custas da Funai.

Em meio a esses índios não faltam os aproveitadores, não-índios, funcionários da Funai e de outros órgãos que, em função da total falta de organização administrativa da fundação, comem sem nenhum problema junto com os índios nos restaurantes, e depois mandam a conta, que a Funai paga sem discutir. Uma despesa diária de cem mil cruzados, desviando dinheiro dos projetos voltados para o atendimento das comunidades indígenas em suas aldeias.

O retorno dos índios às suas aldeias — que deverá custar 200 mil cruzados — faz parte do programa de descentralização da Funai. Segundo o chefe de gabinete da presidência, Estêvão Carlos Taukane, a Funai tem funcionado como uma grande delegacia. O projeto, que prevê a implantação de superintendências regionais, teria a finalidade de pôr um fim a esses problemas. Alguns índios vêm essas alterações com certas reservas. O próprio assessor para Assuntos Indígenas do Ministério da Cultura, Marcos Terena, acredita que a descentralização, que implica em estadualização, pode prejudicar os índios em alguns Estados, em função dos interesses locais de exploração de riquezas de áreas indígenas. A índia xavante Jerusa, formada em Direito e que aguarda sua contratação pela Funai, vê como positivo no decreto a assistência do índio ser realizada nas aldeias, pois nas cidades ele acaba adquirindo hábitos estranhos à sua cultura, os quais distorcem a imagem dos índios. O problema do alcoolismo é para ela um problema sério.

Um dos abrigos constantes dos índios no núcleo bandeirante é o Ypacaraí Hotel. Na semana passada esse estabelecimento foi invadido pela polícia sob o pretexto de identificar exploração de prostituição. Na verdade, a averiguação era de denúncia de que índios fortemente arma-

dos estavam se concentrando em Brasília para exigir a demissão do presidente da Funai, Apoena Meireles. A índia Creonice, mulher de Feliciano Javaé, grávida, teve um parto prematuro após a invasão do hotel pelos policiais.

Nesse pequeno hotel de madeira, que será demolido no início do próximo mês, índios de várias tribos estão distribuídos pelos quartos precariamente iluminados e pouco ventilados. São cricatis, javaés, pataxós, xavantes e representantes de outros grupos que ficam em Brasília, às vezes durante meses, numa vida completamente diversa da que levam em suas aldeias.

No Núcleo Bandeirante outros índios se hospedam em hotéis também precários, como o Bandeirantes, São Judas Tadeu e Jurema. "Os índios mais vivos", conta a xavante Jerusa, "que não se importam em explorar a Funai, vão para hotéis melhores". Nesse caso, a diária de 40 cruzados cobrada pelo Ypacaraí, sobe para mais de 200 cruzados em hotéis, como Colorado e Aquarius.

FIM DO COMPROMISSO

Hoje, às 12 horas, termina o compromisso da Funai com esses hotéis. O chefe de gabinete da presidência explicou que só os estudantes ficarão nos hotéis. Os doentes ficarão na Casa do Índio, em Brasília. A situação dos estudantes será definida caso a caso, e os índios que não estiverem frequentando as aulas poderão ter uma nova chance para reintegrarem-se.

No rastro do apoio aos índios oferecido pela Funai na Capital Federal, há um grande número de aproveitadores. A xavante Jerusa afirma que 50% dos índios que estão em Brasília, na verdade, não são aldeados.

Durval Terena mora há mais de um mês com a mulher e quatro filhos no Hotel São Judas Tadeu. Ele não é índio, trabalhou num banco em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e depois conseguiu infiltrar-se numa comunidade terena, apresentando sua mulher como "índia do Amazonas". Durante esse tempo, a Funai vem pagando as despesas de Durval, embora os próprios terenas afirmem que ele não é índio.

A opção pelos hotéis para abrigar os índios partiu de uma tentativa do ex-presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, de acabar com o trânsito de índios por Brasília. Leal rompeu o convênio com a Casa do Ceará, após argumentar que muitos índios estavam simplesmente morando lá.